



Tucídides I - Nícias

São três os homens que Aristóteles qualifica como os melhores cidadãos de Atenas. Nícias, filho de Niceratus, é o primeiro a ser enunciado. Os outros dois são Tucídides e Terâmenes.

Nícias era um homem de inúmeras qualidades. Rico e generoso, não ajudava financeiramente apenas as pessoas que mereciam mas também aqueles que se aproveitavam da sua benevolência. Esta sua característica não era apenas visível na sua vida privada, sempre que tinha de pagar os seus impostos à cidade, fazia o com um interesse e empenho invulgar¹. Todavia, Nícias fazia também questão de orientar a sua vida de acordo com determinadas regras de conduta; era um homem moralmente íntegro e bastante supersticioso². A sua devoção aos deuses e à religião era inegável. Nícias era, portanto, “generoso, um orador pouco persuasivo, extremamente atento aos deuses, respeitador e cedente em relação aos outros, cauteloso.”³



POR
**Inês
Gregório**

Aluna da Classe
de 2011 do IEP-UCP

A maioria aponta, precisamente a sua “sensibilidade religiosa”⁴ como sendo a causa da derrota de Atenas em Siracusa, que Nícias comandava e que acabou por resultar na sua morte. Contudo, não é da minha opinião que assim seja. As causas da morte do comandante ateniense e a consequente derrota da frota de Atenas na expedição de Siracusa advêm de causas mais complexas e profundas. Desta forma, pretendo proceder a uma análise crítica da referida teoria, afirmando e realçando, simultaneamente, as qualidades de um líder que é, claramente, subvalorizado pela História.

Quando decidiram iniciar a expedição à Sicília, os atenienses elegeram Nícias, Alcibiades e Lâmaco para a comandar. Esta nomeação aconteceu contra a sua própria vontade, na medida em que Nícias considerava que toda a expedição constituía uma imprudência levada a cabo pelos motivos errados. O comandante temia que, apesar de o objectivo oficial ser auxiliar o povo de Egesta no conflito com a cidade de Selinunte, a expedição fosse apenas um pretexto para poder conquistar, tal como Atenas sempre quis, a ilha da Sicília⁵. Desta forma, Nícias tenta demover os atenienses de avançarem com a expedição, aconselhando prudência e cautela. Além de alertar para os perigos que poderão enfrentar, relembra o conselho que Péricles havia deixado: não ambicionar expandir o Império enquanto a sua dimensão actual não estiver totalmente segura⁶. No entanto, influenciados pela capacidade oratória

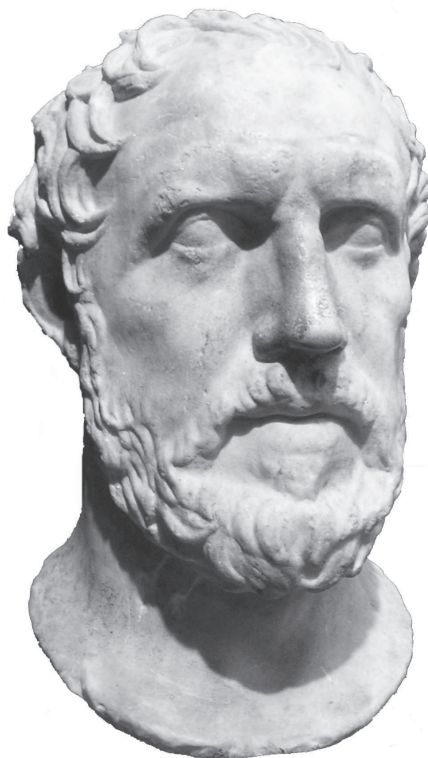
e persuasiva do ambicioso Alcibíades, os atenienses votam favoravelmente o início da expedição e nem a quantidade exorbitante de recursos necessários apontada por Nícias os faz reconsiderar a sua decisão.

Atenas parte, assim, no Verão de 415, para a ilha da Sicília com a frota mais poderosa e mais prestigiosa alguma vez destacada para uma missão⁷. Todavia, apesar do poder e confiança demonstrados pela frota ao abandonar Atenas, esta vai acabar por ser a derrota mais destrutiva para a aliança ateniense, durante toda a guerra do Peloponeso. Uma série de acontecimentos inesperados, ou não tão inesperados assim, agravou este resultado. Um ano depois, Nícias já se encontra sozinho no comando da expedição, uma vez que Alcibíades é acusado de sacrilégio e tem de regressar à cidade para ser julgado, e Lâmaco é morto, em combate, pelos siracusanos. O auxílio de Esparta a Siracusa deixa o inimigo bastante mais poderoso e Atenas decide reforçar a sua frota, aumenta consideravelmente a quantidade de recursos na ilha e envia ainda dois comandantes para auxiliarem Nícias que se encontrava doente. Apesar de tudo isto, Atenas não consegue suplantar o poder de Siracusa e de Esparta unidas, e tanto Demóstenes como Nícias se rendem e são mortos, à semelhança dos hoplitas atenienses que foram capturados e feitos prisioneiros.

A importância desta derrota tem um impacto tal na vida de Nícias que muitos a resumem a este episódio, alegando ter sido provocado pelo seu vulnerável espírito.

Explanados os acontecimentos em Siracusa, reforço a orientação da minha opinião em linha com a de Tucídides: Nícias era, dos homens do seu tempo, aquele que menos merecia o fim que teve, uma vez que toda a sua vida havia sido regulada pela virtude⁸. Vejamos porquê.

Em primeiro lugar, a influência mais do que determinante, na vida de Nícias, da superstição e da religião não denuncia, necessariamente, ignorância ou falta de lucidez. O carácter da educação que recebeu pode explicar os seus sacrifícios diários aos deuses e a presença constante de um adivinho que o orientava nas suas decisões públicas e privadas. Apesar de ter nascido na Grécia, Nícias não recebeu uma educação



Nícias só agia quando tinha a certeza de que a sua acção iria produzir resultados benéficos e satisfatórios, mesmo que isso atrasasse todo o processo ou fosse contra a vontade dos restantes comandantes

grega, orientada para a filosofia, que lhe permitisse ser mais racional e desprender-se das superstições. E foi precisamente uma educação dirigida pelas ciências exactas e efectivas que permitiu que Péricles encarasse sem medo fenómenos que assustavam a maioria. Se tivesse recebido uma educação baseada na ciência natural, Nícias não seria obcecado, nem iria fazer a sua vida depender de fenómenos que temia, visto que estaria absolutamente esclarecido relativamente à sua origem.

Outra das críticas apontada a Nícias diz respeito à sua fraca capacidade de liderança. É frequentemente acusado de ser um mau comandante, por ser excessivamente hesitante e por perder demasiado tempo a ponderar, deixando escapar a oportunidade para agir⁹. Porém, considero que a demora por parte de Nícias na tomada de decisões não demonstra, apenas, cautela, mas reflecte também uma notável preocupação em analisar todos os factos e possibilidades por forma a garantir o resultado mais favorável para os seus homens. Enquanto comandante de diferentes frotas ou exércitos, Nícias alcançou diversas vitórias e mesmo na sua única derrota, em Siracusa, provou ser um bom estratega, capaz de antecipar os riscos da expedição e as movimentações do inimigo. Quando tenta dissuadir os atenienses de iniciarem a expedição à Sicília, Nícias adverte-os para o facto de terem assuntos domésticos pendentes e de não terem necessidade de atrair mais inimigos. A principal preocupação de Atenas deveria ser Esparta. Por outro lado, o comandante ateniense refere também que Siracusa não é uma cidade que se deixe subjugar nem subornar facilmente. Por este motivo, acontecimentos como a impostura dos Egesteus¹⁰, a invasão espartana à Ática ou a dificuldade em vencer e subjugar os siracusanos surpreendem tanto os restantes comandantes como os próprios atenienses, não sendo, contudo, inesperados para Nícias. Desta forma, aquilo que muitos consideram incapacidade de acção, eu considero prudência e acção informada: Nícias só agia quando tinha a certeza de que a sua acção iria produzir resultados benéficos e satisfatórios, mesmo que isso atrasasse todo o processo ou fosse contra a vontade dos restantes comandantes. Esta forma cautelosa de planear todos os seus movimentos permitia-lhe evitar incursões desastrosas, como o ataque nocturno a Epípolas liderado por Demóstenes.

Por último, a integridade moral de Nícias é também um factor que tem que ser mencionado em qualquer análise menos superficial ao seu carácter e à sua personalidade. Como já referi anteriormente, Nícias era um homem muito rico mas, ao contrário de outros homens gregos mais abastados, não se deixava tentar pelo dinheiro. Dada a

sua “absoluta integridade”, era um homem “rico mas honesto”¹¹. É possível atestar a honestidade e a integridade de Nícias no discurso que faz aos atenienses antes da expedição partir e, posteriormente, na carta que envia para Atenas quando a situação em Siracusa se torna mais grave. No primeiro, ao desaconselhar a campanha, demonstra uma preocupação com o bem-estar da cidade de Atenas e com o dos atenienses¹². A sua honestidade relativamente à falta de capacidade ateniense para derrotar Siracusa contrasta com a ambição desmedida de Alcibíades, preocupado apenas em garantir os seus próprios interesses. Por outro lado, a carta que envia para Atenas, em 414, denota modéstia e respeito pelos seus concidadãos uma vez que não os tenta enganar. Sendo sincero, reconhece a sua inaptidão tanto para lidar com os navegadores desmotivados, como para vencer os reforços peloponésios¹³. Além disto, Nícias manifesta ainda um grande respeito por Atenas e pelos seus costumes. Não só aceitou o comando de uma expedição, com a qual não concordava, por sentir que não podia recusar servir a sua cidade, como também evidencia uma preocupação constante com os seus homens. Nícias abdica, inclusivamente, da vitória numa batalha para recuperar os corpos de dois soldados, por forma a que pudessem ser cumpridos os costumes atenienses uma vez que não enterrar adequadamente os mortos constituía um dos piores sacrilégios que poderia ser cometido naquela cidade.

Analisando todas as reflexões feitas anteriormente, torna-se fácil compreender que Nícias era, sem dúvida, um homem que não merecia o fim que teve, nem o tom pejorativo com o qual a maioria a ele se refere. Generoso e preocupado com o próximo, Nícias fazia tudo para levar uma vida virtuosa e para agradar aos deuses. Apesar de, por vezes, se deixar influenciar demasiado por fenómenos que considerava sobrenaturais, a sua boa visão estratégica, aliada a um comportamento cauteloso e prudente na acção militar, permitiu a Atenas alcançar importantes vitórias. A verdade é que os atenienses se aproveitaram da assumpção de que Nícias era o favorito e o protegido dos deuses para o encarregarem de uma expedição

que mais não era do que uma teimosia antiga. A derrota em Siracusa deve-se essencialmente à ganância da democracia ateniense que não aceitou os seus

próprios limites, e não à actuação de Nícias, que fez o que pôde numa missão que “nenhum homem mortal poderia ter realizado”¹⁴. ■

GUIA DE LEITURAS

- CHURCH, Rev. Alfred J., *Nicias and the Sicilian Expedition*, Gloucester, Dodo Press, 2008.
- KAGAN, Donald, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in Savage Conflict 431-404 BC*, Londres, Harper Perennial, 2005.
- PLUTARCO, “Nicias”, in *Greek Lives*, traduzido por Robin Waterfield, Oxford,

- Oxford University Press, 1998, pp.180-217.
- PLUTARCO, “Pericles”, in *Greek Lives*, traduzido por Robin Waterfield, Oxford, Oxford University Press, 1998, pp.140-179.
- STRASSLER, Robert B., ed., *The Landmark Thucydides. A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, Nova Iorque, FreePress, 2008.

NOTAS

¹ Church refere a “magnificência com a qual Nícias desempenhava estes serviços públicos.” E aponta o exemplo de uma procissão para um santuário afirmando que “Nícias (...) alterou tudo para melhor.” (Rev. Alfred J. Church, *Nicias and the Sicilian Expedition*, Gloucester, Dodo Press, 2008, pp. 2-3, trad. própria).

² “Ele era uma daquelas pessoas bastante impressionáveis por eventos sobrenaturais, e, como Tucídides diz, ele era ‘viciado na adivinhação.’” (Plutarco, “Nicias”, in *Greek Lives*, trad. Robin Waterfield, Oxford, Oxford University Press, 1998, p. 187, trad. própria).

³ Robin Waterfield, “Introdução”, “Nicias”, *op. cit.*, p. 180, trad. própria.

⁴ Plutarco, “Nicias”, *op. cit.*, p. 187, trad. própria.

⁵ Cf. Tucídides, 6.8.4, in Robert Strassler, *The Landmark Thucydides. A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, Nova Iorque, FreePress, 2008, p. 366.

⁶ “Devemos, portanto, considerar estes pontos, e não pensar em correr riscos com um país que tem uma localização tão crítica, ou em dominar outro Império, antes de assegurarmos o que já temos.” (Tucídides, 6.10.5, in Robert Strassler, *op. cit.*, p. 367, trad. própria).

⁷ “De facto, o primeiro armamento em navegação era de longe a mais dispendiosa e esplêndida força Helénica que alguma vez tinha sido enviada para apenas uma cidade até então.” (Tucídides, 6.31.2, in Robert Strassler, *op. cit.*, p. 377, trad. própria).

⁸ “Isto ou aquilo foi a causa da morte de um homem [Nícias] que, de todos os gregos do meu tempo, menos merecia tal destino, uma vez que todo o curso da sua vida foi regulado com estrita atenção à virtude.” (Tucídides, 7.88.5, in Robert Strassler, *op. cit.*, p. 478, trad. própria).

⁹ “Todos (...) o acusavam [a Nícias] de ter passado tanto tempo a pensar, a hesitar e a ser cauteloso que desperdiçou todas as oportunidades de fazer algo. (...) Ele era, normalmente, demasiado hesitante e tímido para tomar a decisão final de fazer qualquer

coisa.” (Cf. Plutarco, “Nicias”, *op. cit.*, p. 202, trad. própria).

¹⁰ Para convencerem Atenas a prestar-lhes auxílio na guerra que enfrenta com os seus vizinhos, a cidade de Eggesta promete pagar todas as despesas de guerra atenienses e exibem 60 talentos, o suficiente para manter 60 navios durante um mês. No entanto, depois de iniciarem a expedição e de chegarem a Eggesta, os atenienses percebem que haviam sido enganados porque a cidade apenas tinha metade do dinheiro prometido.

¹¹ Rev. Alfred J. Church, *op. cit.*, p. 3, trad. própria.

¹² “Como nunca falei contra as minhas convicções só para ganhar honra, não o vou fazer agora, mas devo dizer o que acho melhor. Contra o vosso carácter quaisquer palavras minhas serão fracas; nomeadamente se eu vos aconselhar a manter o que têm e a não arriscarem tudo por vantagens que são duvidosas (...). Irei, portanto, contentar-me em mostrar-vos que o vosso ardor é inoportuno, e que a vossa ambição não será facilmente cumprida.” (Tucídides, 6.9, in Robert Strassler, *op. cit.*, p. 367, trad. própria).

¹³ “As perdas que afectam a nossa tripulação advêm das seguintes causas. Expedições por combustível e forragem (...); a perda da nossa superioridade encoraja os nossos escravos a desertarem; os navegadores estrangeiros estão impressionados com o surgimento de uma frota contra nós, e com a força da resistência do inimigo; muitos deles (...) aproveitam a primeira oportunidade para partirem para as suas respectivas cidades; (...) deixam-nos pela deserção para o inimigo (...); assim, eles destruíram a eficiência da nossa frota. (...) Mas vocês [atenienses] devem ter em conta que uma coligação geral da Sicília está a ser formada contra nós; que um exército rejuvenescido é esperado do Peloponeso, enquanto que a força que aqui temos é incapaz de lidar com os presentes rivais.” (Tucídides, 7.14-15, in Robert Strassler, *op. cit.*, pp. 434-435, trad. própria).

¹⁴ Rev. Alfred J. Church, *op. cit.*, p. 1, trad. própria.